

PERCEÇÃO DA CAPACIDADE PARA O TRABALHO E INCIDÊNCIA DE DORES *VERSUS* ENVELHECIMENTO FUNCIONAL PRECOCE DE AUXILIARES DE AGROPECUÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – MG¹

PERCEPTION OF JOB CAPACITY AND PAIN INCIDENC VERSUS EARLY FUNCTION AGING OF AGRICULTURAL ASSISTANTS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF VIÇOSA

Sara Maria Lopes Salgado²
Simone Caldas Tavares Mafra³
Leonice Aparecida Doimo⁴
Maria das Dores Saraiva de Loreto⁵

1. RESUMO

O presente artigo objetivou analisar a percepção da capacidade para o trabalho e a incidência de dores de auxiliares de agropecuária da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Este estudo foi descritivo e a pesquisa *quali-quantitativa* contou com 54 sujeitos do sexo masculino. Utilizou-se o questionário de Índice de Capacidade para o trabalho (ICT) e o Mapa de Dores. Identificou-se boa capacidade para o trabalho, absenteísmo de 29,6% no grupo; boa apreciação das atividades diárias realizadas, mas algum tipo de doença diagnosticada ou não pelo médico em 59,25% do grupo. A maior incidência de dor foi nas regiões da coluna e lombar. O mapa de dores auxiliou como indicador de sintomas de acometimentos nas regiões que sofrem exigência durante as atividades laborais. Acredita-se que, ao tratar do universo do trabalho, tenderam a afirmar bom

¹ Os dados apresentados neste artigo fazem parte da dissertação “Envelhecimento e Trabalho: As Interfaces desse Processo na Qualidade de Vida Total de Auxiliares de Agropecuária da Universidade Federal De Viçosa-MG”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, da Universidade Federal de Viçosa, MG.

² Graduada em Educação Física e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. (E-mail: saraefi@yahoo.com.br)

³ Bacharela e Licenciada em Economia Doméstica, 1989, UFV; M.S. Engenharia de Produção, 1996, UFSC; D.S. Engenharia de Produção, 1999, UFSC. Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil (E-mail: sctmafra@ufv.br).

⁴ Licenciada em Educação Física, 1988, UNESP Mestre em Biodinâmica do Desenvolvimento Humano, 1998, USP Doutorado em Saúde Pública, 2003, USP, São Paulo, SP, Brasil (E-mail: ladoimo@ufv.br).

⁵ Bacharela e Licenciada em Economia Doméstica, 1973, UFV. Bacharela em Ciências Econômicas, 1996, UFV. M.S. Economia Rural, 1976, UFV; D.S. Economia Rural, 1986, UFV. Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil (E-mail: mdora@ufv.br).

estado de saúde para realizá-lo, fato que lhes garantia algum *status* de longevidade produtiva na sociedade.

Palavras-Chave: Capacidade para o trabalho. Incidência de dores. Envelhecimento funcional precoce.

2. ABSTRACT

This article aimed to analyze the perception of ability to work and the incidence of pain in agriculture assistants from the Federal University of Viçosa (UFV). This study was a descriptive, qualitative and quantitative research and included 54 male subjects. We used the questionnaire index of ability to work (ICT) and the map of Sorrows. Then, it was possible to identify good capacity to work, absenteeism of 29.6% in the group; good appreciation of daily activities performed, but some kind of disease or not diagnosed by a doctor in 59.25% of the group. The highest incidence of pain was in the lumbar spine and lower back. The map of Sorrows helped as an indicator of onset symptoms in areas that get the demand for labor activities. It is believed that when dealing with the world of work, they tended to assert good health to accomplish it, because they guarantee a productive status of longevity in society.

Keywords: Ability to work. Incidence of pain. Early functional aging.

3. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional mundial tem aumentado nas últimas décadas em consequência da queda de natalidade e melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, fato que coloca a sociedade para pensar na necessidade de reestruturação dos sistemas econômicos, sociais e de saúde.

Destacam-se nessa nova pirâmide etária as possibilidades de provocar mudanças no perfil dos trabalhadores e profissionais diversos, cujas atividades laborais são caracterizadas por exigências mentais e físicas que demandam determinada capacidade para o trabalho. Nesse contexto, o envelhecimento funcional do trabalhador pode afetar sua capacidade para a realização do trabalho. Ou, ainda, as exigências desse trabalho podem afetar o processo de envelhecimento. Para uma melhor compreensão deste paradoxo, é importante considerar os papéis que são atribuídos aos indivíduos ao longo da vida, uma vez que o envelhecimento saudável é visto como um processo geral de

adaptação às mudanças biológicas e sociais, na perspectiva do desenvolvimento adulto, no qual cabe ao indivíduo em processo de envelhecimento selecionar metas e objetivos mais importantes, otimizar recursos e compensar as perdas funcionais (SILVA, 2000).

Considerando esse aspecto, faz-se uma discussão de como se dará o envelhecimento funcional dos trabalhadores em relação ao número de idosos, às políticas públicas e à qualidade de vida dos mesmos, principalmente pelo fato de que o Brasil apresenta um dos mais agudos processos de envelhecimento populacional entre os países mais populosos (GIATTI, 2003).

Em 2002, conforme Odebrecht (2002), dos 13,5 milhões de idosos⁶ brasileiros, 3,9 milhões continuava trabalhando (destes, 499 mil no mercado formal de trabalho). Este número tende a aumentar em grande escala, levando à necessidade de analisar a capacidade de trabalho deste grupo na busca de medidas preventivas menos onerosas para as instituições e o estado em relação a gastos relacionados à vulnerabilidade do envelhecimento.

A importância do estudo sobre envelhecimento e capacidade para o trabalho se dá em função do constante processo de envelhecimento populacional e aumento da expectativa de vida do brasileiro, aliado ao cenário socioeconômico e político, com acentuadas desigualdades sociais, que influenciam neste processo, face às precárias condições de trabalho e à deficitária qualidade de vida que podem levar os trabalhadores a permanecerem por tempo indeterminado no mercado de trabalho (DURAN *et al.*, 2004).

Tuomi *et al.* (1997) classificam as tarefas do trabalhador rural como tendo mais exigência física do que exigências mentais, o que significa que a manutenção da boa capacidade para o trabalho é indispensável para este grupo.

Em 1995, o trabalho rural envolvia 26% do total das pessoas com dez ou mais anos empregadas no Brasil (IBGE, 1995 *apud* FARIA *et al.*, 2000). Segundo dados do Censo 2006, cerca de 5,2 milhões de estabelecimentos agropecuários do país ocupavam 36,75% do território nacional (IBGE, 2009). Estas estatísticas apontam a existência de grande porcentagem de trabalhadores rurais no país, que, não obstante, fazem parte de uma parcela da população que está em processo de envelhecimento.

⁶ É considerado idoso no Brasil o indivíduo com idade superior a 60 anos, isto em acordo com o Estatuto do Idoso, Art. 1º “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”.

Semelhante às atividades realizadas pelo trabalhador rural, o auxiliar de agropecuária da Universidade Federal de Viçosa (UFV) tem a função de executar trabalhos próprios de cultura agrícola, bem como operar conjuntos mecânicos para armazenagem de grãos e fabricação de rações destinadas à criação, ao tratamento e à alimentação de animais. Trata-se de um grupo de trabalhadores cujo olhar ainda não foi lançado, e, desse modo, o conhecimento em relação ao envelhecimento funcional precoce ainda não foi apurado.

Tendo em vista as considerações citadas, a contribuição da presente pesquisa está na compreensão do indivíduo que vivencia mudanças em sua capacidade para o trabalho relacionadas ao cotidiano laboral, que podem levar ao envelhecimento funcional precoce. Esta análise colabora para a ampliação de conhecimentos na temática “envelhecimento e trabalho”. Neste sentido, uma melhor compreensão dos fatores que influenciam no declínio da capacidade para o trabalho torna-se importante. Assim, a incidência de dores pode ser um indicativo de comprometimento nas partes corporais envolvidas diretamente com a tarefa executada.

O problema deste estudo baseou-se no entendimento da relação entre o trabalho e o envelhecimento. Questionamentos a respeito de qual seria a influência de um sobre o outro e, vice-versa, sustentaram o fio condutor desta pesquisa. Assim, o presente artigo teve como objetivo analisar a percepção da capacidade para o trabalho e a incidência de dores de auxiliares de agropecuária. Além disso, discutiu-se essas variáveis sob as teorias/estudos de envelhecimento funcional precoce.

4. REVISÃO DE LITERATURA

O envelhecimento populacional mundial avança cada vez mais, de forma a equiparar ao número de jovens. Neri (2007) aponta projeções demográficas indicando que a população idosa brasileira irá dobrar nos próximos 25 anos, atingindo aproximadamente 32 milhões de pessoas e ocupando a sexta posição mundial. De acordo com dados do IBGE, na década de 1970, cerca de 4,95% da população brasileira era de idosos, percentual que subiu para 8,47% na década de 1990, havendo a expectativa de alcançar 9,2 % em 2010. Essa estimativa leva a uma reflexão de como se dá esse processo, considerando a forma como ocorre e como pode atingir a qualidade de vida do trabalhador (QVT).

A perspectiva de mudança do perfil etário dos trabalhadores ocorreu devido ao envelhecimento populacional mundial, sendo acompanhado quase sempre pela perda de capacidade para o trabalho, além de causar grande impacto nos sistemas de produção, que, por sua vez, pode comprometer o acesso ao emprego, podendo também gerar efeitos nocivos à economia familiar (VITTA, 2006). Nesse sentido, as tarefas executadas em diferentes profissões vêm sendo analisadas pela ergonomia, que procura identificar os diversos fatores influenciadores da QVT (MARTINS, 2008).

Estudos sobre a capacidade para o trabalho têm sido recorrentes nos últimos anos. Conforme Duran *et al.* (2004), o desenvolvimento do questionário finlandês sobre Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) é capaz de comprovar – aliado a estudos de outros fatores – a perda precoce da capacidade para o trabalho, o que gera, também, um envelhecimento funcional precoce, que pode levar ao aumento de idosos no mercado de trabalho.

No Brasil, Fischer (2005) defende a implantação de prevenção do envelhecimento funcional precoce em empresas e na sociedade em geral. Porém, um dos estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostra que muitas das doenças ocupacionais são diagnosticadas em estágios avançados e, ainda, tendo seus sintomas atrelados a outras patologias (CAMARANO; PASINATO, 2008; ODEBRECHT, 2002).

O envelhecimento, sob a ótica da produção, resulta na perda da força de trabalho. Contudo, a maior parte dos estudos sobre envelhecimento ressalta seus aspectos negativos, sem abordá-lo como processo natural, com adaptações inerentes ao homem. Além disso, como aponta Ramos e Lacomblez (2005), esses estudos focam-se em grupos etários extremos, ou seja, comparando sujeitos adultos, jovens e idosos, desconsiderando os períodos que correspondem à vida profissional ativa.

O avanço em pesquisas relacionadas ao envelhecimento e trabalho é de grande importância para uma melhor compreensão de como se dará a mudança do perfil etário do trabalhador brasileiro. Além disso, a sociedade deve atentar-se ao fato de que exigências do trabalho tendem a aumentar com a idade, já que esta sugere, a princípio, o aumento da especialização e experiência da mão de obra, sobretudo em contextos que se verificam o crescimento econômico e tecnológico. Contudo, o ritmo do declínio na capacidade funcional é influenciado por variáveis como a categoria ocupacional e as

exigências laborais, mas também pelo estilo de vida, genética e fatores pessoais relacionados à vivência social e familiar, durante o processo de envelhecimento (CAMARANO; PASINATO, 2008).

Sabe-se que diferentes ocupações demandam atividades de maior ou menor dispêndio energético, o que também depende de fatores internos, como genética, idade, peso corporal, metabolismo basal, sono; e fatores externos, como clima, temperatura, umidade do ar, entre outros. O trabalho rural, por exemplo, é considerado uma atividade árdua, assim como é percebido o trabalho desenvolvido pelo auxiliar de agropecuária da UFV.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi desenvolvido em uma abordagem descritiva – por envolver o processo de exploração dos significados das variáveis propostas para delinear-lo –, pois buscou ampliar o nível de conhecimento sobre a capacidade para o trabalho e incidência de dores junto aos trabalhadores no cargo de auxiliares de agropecuária da UFV. Além disso, trata-se de uma pesquisa *quali-quantitativa*, pois os dados numéricos foram tratados estatisticamente, tomando-os como fonte de informação e analisando-os de acordo com o contexto das variáveis de pesquisa da população do estudo, pautando-se na estatística descritiva.

A pesquisa foi realizada na cidade de Viçosa-MG, no período de 2009 a 2010. A população foi composta por auxiliares de agropecuária da UFV. Para determinação da amostra, foi feito, inicialmente, um levantamento do número e lotação destes funcionários. Em seguida, conforme sugere Barbeta (2004), definiu-se a amostra aleatória simples, que oferece maior segurança quando os resultados desta são generalizados para uma população. Foram utilizadas fórmulas, especificando-se um erro amostral de 5%, sob o nível de confiança de 95%, em que n_0 representa uma primeira aproximação da amostra, e E_0 o erro amostral tolerável. Obteve-se, como número ideal amostral, 82 sujeitos. Contudo, fatores como licença médica, desvio de função, afastamento por outras questões não reveladas, a recusa em participar da pesquisa, descarte por dados incompletos, chegou-se a uma amostra de 54 indivíduos do sexo masculino. Vale ressaltar que o fato da amostra ter contado somente com homens não

foi proposital, pois o cargo auxiliar de agropecuária da UFV ainda não conta com trabalhadoras mulheres.

As variáveis de análise deste estudo foram capacidade para o trabalho e a incidência de dores em membros do corpo.

5.1. Avaliação da Capacidade para o Trabalho

A capacidade para o trabalho é a habilidade que o trabalhador tem de realizar suas tarefas com eficácia e segurança e, para tanto, suas percepções sobre suas potencialidades motoras e cognitivas devem ser consideradas. Sendo assim, para avaliação da capacidade para o trabalho, foi utilizado o questionário de Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT). O ICT foi desenvolvido no Instituto de Saúde Ocupacional de Helsinque (*Finnish Institute of Occupational Health - FIOH*), Finlândia, e traduzido para estudos no Brasil por Frida Marina Fischer, professora da Universidade de São Paulo (USP).

Este instrumento destina-se a apoiar o trabalhador e pode ser usado desde quando este ingressa na força de trabalho, auxiliando nas atividades que mantenham a capacidade para o trabalho (FISCHER, 2005). Trata-se de um questionário de autoavaliação que possui dez questões. Além disso, este índice ajuda a determinar quais trabalhadores necessitam do apoio dos Serviços de Saúde Ocupacional. Desse modo, condições ótimas podem ser estabelecidas para prevenir a perda da capacidade para o trabalho de forma prematura.

5.2. Incidência de dores

A incidência de dores musculares pode apontar o comprometimento ou a lesão osteomuscular, comprometendo a capacidade para o trabalho. Assim, para identificar possíveis lesões osteomusculares dos sujeitos do presente estudo utilizou-se o “Diagrama ou Mapa de Dores”, um instrumento de avaliação simples e de fácil entendimento, que foi adaptado para o presente estudo. Este instrumento foi proposto por Corlett e Mamenica (1980) para avaliação do desconforto laboral de trabalhadores ao final da jornada de trabalho (IIDA, 2005). Para tanto, foi solicitado aos indivíduos que assinalassem com um **X** nos locais onde sentiam dores frequentemente.

5.3. Operacionalização das variáveis

Para a análise de dados deste estudo foram utilizados recursos da estatística descritiva e inferencial, tais como média, desvio-padrão⁷, moda, valor mínimo e máximo das variáveis. Além destas, foi feita uma análise da frequência das respostas obtidas nos questionários. A relação entre as variáveis foi estabelecida utilizando o índice de correlação de Pearson⁸. Estas análises foram realizadas a partir do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 15.0.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT)

Como resultado do ICT, obteve-se uma média de 41,14, classificado como “boa” capacidade para o trabalho, mas que ainda pode ser melhorada, segundo a metodologia do ICT. O desvio-padrão em torno da média foi de 4,6. O índice mínimo encontrado foi 29 e o máximo 49, entre os 54 avaliados. O valor que mais se repetiu (a moda) foi 44.

Pôde-se fazer um paralelo com os resultados encontrados no questionário de qualidade de vida, uma vez que o domínio físico foi considerado o mais relevante para os envolvidos. Ou seja, uma boa percepção da capacidade para o trabalho reflete na percepção otimista e valorização que estes sujeitos apresentam das variáveis morfofisiológicas que compõem a qualidade de vida deles. Isso se explica pelas características do grupo, composto essencialmente por homens que desenvolvem atividades laborais com exigência de maior capacidade funcional, e em torno disso, está dado o constructo social que envolve os indivíduos do sexo masculino ainda hoje, ou seja, a masculinidade explicada pelo esforço físico empregado para o desenvolvimento do seu trabalho.

Picanço (2007), ao dissertar sobre as representações de papéis masculinos e femininos em relação ao trabalho e vida familiar, legitima o trabalho como primeiro aspecto nas mudanças que levaram à entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho. Com isso, redefiniu-se os papéis de homens e mulheres tradicionalmente atribuídos, nos espaços domésticos e fora dele. No entanto, para o grupo pesquisado, as

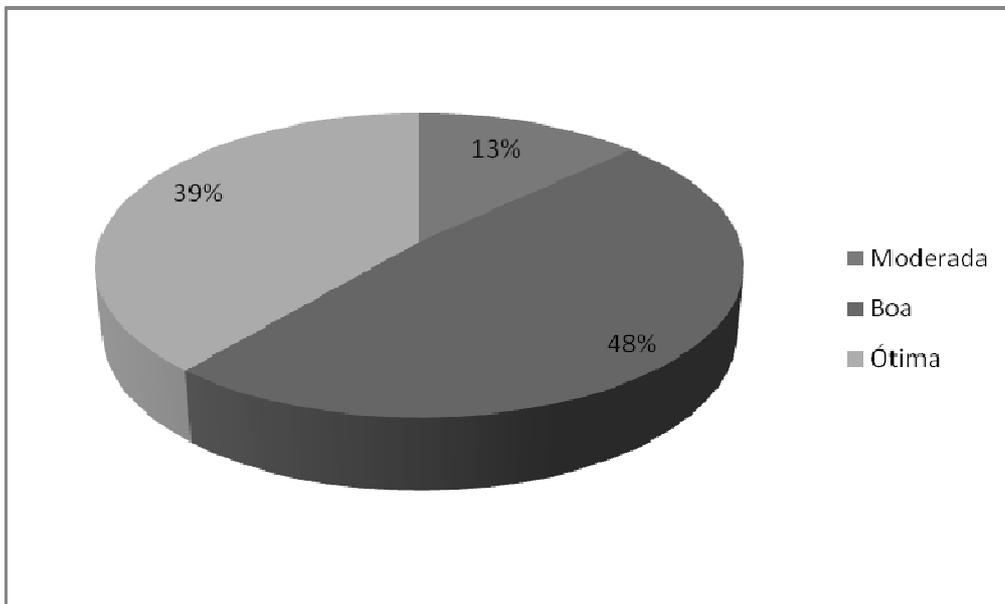
⁷ Desvio-padrão mede a dispersão dos valores individuais em torno da média.

⁸ Para verificar as associações lineares entre duas variáveis métricas.

funções de provedores da renda ainda é seu principal papel na referência familiar (OLIVEIRA, 2007). Portanto, quando eles afirmam sua boa capacidade para o trabalho, estão afirmando também a boa capacidade de se manterem nesse *status quo*.

Verificou-se que a maior parte dos avaliados considerou sua capacidade para o trabalho como “boa”. Estes índices indicam, respectivamente, que a capacidade deve ser melhorada ou mantida pelos trabalhadores, segundo a classificação original do instrumento. Ressalta-se que *até mesmo uma boa capacidade para o trabalho pode necessitar de apoio e avaliação quando o estilo de vida do trabalhador mantém ou ameaça sua capacidade para o trabalho* (FISCHER, 2005, p.17). Uma percepção positiva a respeito de sua capacidade para o trabalho significa que estes trabalhadores acreditam realizar as atividades laborais com facilidade. Os resultados encontrados podem ser melhor visualizados no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Classificação do Índice de Capacidade para o Trabalho dos auxiliares de agropecuária da UFV, 2010



Fonte: Dados da Pesquisa.

Além disso, considerando-se que o instrumento também é destinado a avaliar a percepção da funcionalidade e envelhecimento, correlacionou-se a idade dos sujeitos com os índices encontrados. Utilizando-se a correlação de Pearson, obteve-se $r = -$

0,293, significativa a 5% ($\alpha = 0,031$). Observou-se baixa e negativa correlação entre as variáveis, o que significa que a idade tem relação inversa com a percepção da capacidade para o trabalho dos funcionários. Ou seja, quanto maior a idade do avaliado, mais baixa é considerada sua capacidade para o trabalho. Estes dados provocam inquietações que podem ser respaldadas nas falas dos trabalhadores.

Na primeira questão do ICT, que buscou interrogar os sujeitos sobre a percepção em relação a sua própria capacidade para o trabalho, numa escala de zero a dez, o valor médio apontado pelo grupo foi de 8,46 com um desvio-padrão de 1,4 em torno da média. O valor máximo encontrado foi 10 e o menor foi 5, tendo 8 como valor modal.

Percebeu-se que os trabalhadores se mostraram otimistas em relação à capacidade para o trabalho atual. A maior parte deles atribuiu um escore alto à questão, dando destaque a nota 8, que foi atribuída por 20 trabalhadores. Os entrevistados, considerando as atividades que realizavam diariamente no trabalho, mencionaram que estas eram realizadas com eficiência e sentiam-se satisfeitos com tudo o que faziam. As falas a seguir ilustram essa justificativa:

“Ah, eu dou a nota 8 pra mim. Eu nunca errei nada no trabalho, aplico sabatina pros alunos, faço de tudo... tenho aqui uma lista de 50 plantas pra coletar, eu sei o nome de cada uma delas, reconheço todas viu” (J. A. S., 43 anos).

“Capacidade pra fazer o trabalho? É uns 9. Todo trabalho eu tenho sucesso nele” (P. B. C., 56 anos).

Na segunda questão verificou-se que a maioria dos avaliados, 70,4%, tem uma boa percepção atual de sua capacidade relacionada às exigências físicas do trabalho. Esta percepção está relacionada com o fato de executarem com destreza e facilidade as atividades laborais. Já os 20,4% que consideram sua capacidade “moderada” justificam que isto se dá principalmente pela idade, mencionando que não realizam os mesmos exercícios como faziam quando eram jovens, como mostra a fala a seguir:

“Hum... é moderada (capacidade atual para o trabalho em relação às exigências físicas do seu trabalho), devido à idade. Antes dava pra fazer mais coisa, pegava mais pesado. Agora não aguento muito mais não” (P. B. C., 56 anos).

A terceira questão investigou a percepção dos avaliados sobre a capacidade de agir no trabalho diante de suas exigências mentais. De acordo com os dados encontrados, constatou-se que a maioria dos trabalhadores considerou sua capacidade atual como sendo boa em relação a exigências mentais. Essa avaliação se deu baseada em variáveis como capacidade resolutive de problemas diários, raciocínio, esquecimento, inteligência, entre outros.

“É boa, porque embora temos dificuldades, devemos ter paciência pra fazer as coisas no trabalho” (J. C. N., 43 anos).

“Muito boa. A única dificuldade que tenho é quando vem um turmao de fora, aquelas turmas para conhecer aqui, eu ficava meio tímido, mas acostumei” (J. A. S., 43 anos).

“A, é mais ou menos, moderada. Eu acho que o raciocínio primeiro tem que estar tranquilo, porque se eu errar, a esposa pega na perna (risos)” (P. B. C., 56 anos).

Os dados obtidos sobre faltas ao trabalho relacionado à saúde mostraram que, nos últimos 12 meses, 29,6% do grupo avaliado esteve fora do trabalho por algum tempo devido questões de saúde. Deste grupo, a maior parte (9 indivíduos) afastou-se por até 9 dias, 4 se ausentaram de 10 a 24 dias e 3 indivíduos ficaram de 25 a 99 dias fora do trabalho. Esse dado permite inferir que 29,6% da produção nos setores que dependem dos serviços deste grupo estiveram comprometidos nos últimos 12 meses, visto que, como prevê nesta análise, os dias faltosos no trabalho somados a atrasos e períodos de ausência ao longo da jornada laboral indicam o índice de absenteísmo das instituições empregadoras. O efeito do absenteísmo é negativo, pois a ausência dos servidores pode diminuir a produção e, conseqüentemente, refletir nos indicadores de qualidade, repercutindo diretamente na economia (PENATTI *et al.*, 2006).

Além disso, esse percentual de faltas relacionado com problemas de saúde do grupo investigado indica um alto custo para a instituição empregadora e para o estado. Há, também, um desgaste individual da família que assiste esses trabalhadores, e um custo social, devido ao afastamento do grupo. Nesse último aspecto, importante se faz trazer a discussão do significado do trabalho para o homem visto que ultrapassa os custos financeiros, registrando um desgaste que influencia no desenvolvimento econômico e do indivíduo/trabalhador, o que está de acordo com outros estudos, como o

de Porto (2008). A fala do trabalhador que esteve até 9 dias de licença, apresentada a seguir, confirma essa discussão.

“Uma vez eu sofri um acidente com o trator, caí na ponte com ele, essa ponte daqui da Horta. Depois disso arrumaram ela. Não machuquei muito, graças a Deus, mas o médico me deu 5 dias pra eu refrescar as ideias, no segundo dia eu já queria voltar. É muito ruim ficar em casa” (A.C. F., 57 anos).

Constatou-se que, em relação ao que esperavam sobre sua capacidade para o trabalho daqui a 2 anos, 57,4% dos avaliados acreditavam que é “bastante provável que” mantenham sua capacidade. No entanto, 29,6% ficaram indecisos, e 13% disseram “ser improvável”.

Apesar de a maior parte apresentar uma percepção otimista, foram recorrentes, durante a avaliação, frases que demonstraram insegurança em responder a questão, por se tratar do futuro, como as apresentadas abaixo. Os seguintes trechos encontrados ilustram essa hipótese:

“Acho que é improvável, não se sabe o dia de amanhã” (A. H., 52 anos).

“Bastante provável, vou daqui pra melhor” (H. A. D., 53 anos).

“Não estou muito certo moça, porque vontade a gente tem né(?), mas não se sabe” (A.C. F., 57 anos).

“Bom, se eu não morrer antes, é bastante provável” (V. L., 52 anos).

“Não estou certo, isso depende do meu comportamento, e a gente não sabe o que pode acontecer no dia de amanhã” (J. G. F., 55 anos).

A sexta questão buscou conhecer junto aos auxiliares de agropecuária como estes apreciavam suas atividades diárias realizadas atualmente. A maioria dos avaliados (66,7%) disse apreciar “sempre” as atividades diárias realizadas. Estes mencionaram fatos como o sucesso no trabalho e elogios que recebem dos responsáveis pelos setores em que estão lotados, como um diferencial para esta satisfação. Estes dados podem ser ilustrados pelas falas a seguir:

“Sempre. Aqui sou muito elogiado pelo que faço” (J. C. N., 43 anos)

“Sempre moça. Atendo o pedido da chefia, faço de tudo”. (A. M. L., 48 anos)

“Sempre. Demais da conta, estou muito realizado com as coisas que faço, faço com gosto” (P. B. C., 56 anos).

Os grupos que apontaram como “quase sempre”, “às vezes” e “raramente” mostraram-se não completamente satisfeitos por motivos, que, na maioria das vezes, estão relacionados às condições de trabalho. Acreditam que nem sempre conseguem apreciar todas suas atividades porque nem sempre as coisas são feitas como eles gostariam que fossem, e que gostariam de ter mais reconhecimento no trabalho, contrapondo a opinião da maioria dos avaliados, como pode ser observado na fala a seguir:

“Quase sempre. Sinto-me desvalorizado, o Campus poderia estar mais bonito, ter mais flor, damos condições para isso, mas não levam. É como se eu pudesse fazer mais, mas não há demanda. Acho que sou mal aproveitado” (M. C. B., 46 anos).

Observou-se que 70,4% dos entrevistados responderam que “sempre” se sentem ativos e alertas, considerando sua capacidade de atenção na realização das tarefas do dia a dia. Eles se dizem muito atentos para tudo o que se passa, conforme as falas a seguir:

“Devido ao trabalho, eu considero é sempre. Tem que prestar atenção nas coisas que a gente faz né” (V. B. P., 53 anos).

“Sempre, pois tenho que estar sempre atento!” (A. M. L., 48 anos).

Os demais avaliados, que optaram por “quase sempre”, “às vezes” e “raramente”, afirmam que não estão completamente satisfeitos com sua capacidade de se manter ativo e alerta, pelo fato de sentirem sonolência, cansaço e fadiga durante o trabalho.

Sobre as habilidades mentais e esperança quanto ao futuro, para os entrevistados, o fator “esperanças para o futuro” como fundamental para o seu bem-estar foi considerado, por 72,2%, como sendo um sentimento que “sempre” sentem e estes se relacionam aos sonhos, esperança, desejos que ainda almejam alcançar. As falas a seguir exemplificam esta abordagem apresentada pelos entrevistados:

“Sempre. Tenho esperança de ter coisas boas na vida, a gente nunca pode perder esperança na vida, tenho muitos planos, pra mim e pra minha família” (M. A. L., 52 anos).

“Sempre. A gente sonha com muita coisa, aposentar, por exemplo” (A. M. L., 48 anos)

Os avaliados que responderam “quase sempre”, “às vezes” e “raramente” revelam que não se sentem completamente repletos de esperanças para o futuro, baseando suas respostas às condições de vida que eles têm atualmente, citando a questão da renda que possuem, conforme exemplo na fala a seguir:

“Quase sempre. Quero ficar rico um dia, mas acho que tenho que pensar mais, fazer mais, do jeito que as coisas estão acho difícil pra mim. Essa política que está vindo aí, eu não sei não” (V. L., 52 anos).

*Observação: os dados foram coletados no período de transição política, que antecedeu as eleições de 2010 para presidente do Brasil.

“Hum (fez cara de bravo). Com esse salário aqui? Raramente tenho esperanças”.(J. A. S., 43 anos).

Sobre o número de doenças atuais diagnosticadas ou não pelo médico, apresentando 51 opções, conforme o questionário anexo, os dados obtidos nas respostas foram: 22 trabalhadores (40,74%) disseram não possuir nenhum tipo de doença; 32 (59,25%) apontaram 40 ocorrências de doenças, sendo 18 diagnosticadas pelo médico; e 22 não diagnosticadas (Tabela 1).

Tabela 1 - Doenças diagnosticadas ou não pelo médico entre os auxiliares de agropecuária da UFV, 2010

| Nº do item | Doença | Nº de casos diagnosticados pelo médico | % | Não diagnosticadas pelo médico | % | Nº total de ocorrências | % |
|--------------|--|--|-----|--------------------------------|-----|-------------------------|-----|
| 1 | Lesão nas costas (coluna) | 2 | 5 | 8 | 20 | 10 | 25 |
| 3 | Lesão nas Pernas | 1 | 2,5 | 3 | 7,5 | 4 | 10 |
| 10 | Outra doença músculo-esquelética (tendinite ombro direito) | 1 | 2,5 | 0 | 0 | 1 | 2,5 |
| 11 | Hipertensão arterial | 4 | 10 | 4 | 10 | 8 | 20 |
| 23 | Distúrbio emocional leve (insônia) | 0 | 0 | 1 | 2,5 | 1 | 2,5 |
| 25 | Problema ou diminuição da audição | 2 | 5 | 1 | 2,5 | 3 | 7,5 |
| 26 | Doença ou lesão da visão | 2 | 5 | 2 | 5 | 4 | 10 |
| 31 | Úlcera gástrica ou duodenal | 2 | 5 | 0 | 0 | 2 | 5 |
| 34 | Outra doença digestiva (no estômago) | 0 | 0 | 3 | 7,5 | 3 | 7,5 |
| 45 | Diabetes | 1 | 2,5 | 0 | 0 | 1 | 2,5 |
| 49 | Outra doença no sangue (Colesterol Alto) | 3 | 7,5 | 0 | 0 | 3 | 7,5 |
| Total | | 18 | 100 | 22 | 100 | 40 | 100 |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os dados que evidenciaram 22 das ocorrências de doenças não diagnosticadas pelo médico confirma um ponto que chama a atenção das políticas públicas de saúde:

homens procuram menos os serviços médicos. O ministério da saúde considera que a não adesão dos homens às medidas preventivas de saúde pode levar ao aumento de doenças e da mortalidade. Dados do IBGE (2010) apontam que, do total de mortes cuja faixa etária vai de 20 a 59 anos, 68% são de homens, o que significa que, a cada três adultos que morrem no país, praticamente dois são do sexo masculino. Embora a expectativa de vida dos homens tenha aumentado de 63,2 para 68,9 anos de 1991 até meados de 2007, ainda é 7,6 anos abaixo da média das mulheres. Autores apontam o fenômeno como feminização da velhice⁹.

Outra questão apontada por estatísticas do governo é que, na maioria das vezes, os homens só buscam os serviços de saúde quando a doença já está em estágio avançado. Diante desse fato, foi criado, em 2008, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem pelo Ministério da Saúde, visando prevenção de doenças que acometem a população masculina. No entanto, tal política caminha a passos lentos e enfrenta barreiras como a construção cultural que envolve o indivíduo “ser homem”, que perpassa por conceitos de dominação masculina, repleta de normas e preconceitos. As falas a seguir confirmam esse constructo masculino a respeito da procura por serviços médicos.

“Tenho um problema na coluna, sinto muita dor, tem dia que trava tudo. Mas nunca fui ao médico não. Prá homem é muito difícil ir ao médico moça, não vou mentir pra você” (J. G. R., 51 anos).

“Não tenho nada. Mas também tem 8 anos que não vou ao médico” (H. A. D., 53 anos).

Entre as doenças assinaladas, a que possui maior incidência é a lesão nas costas, fato que coincide com a ocorrência de dores apontadas no “mapa de dores” do grupo analisado. Dores e lesões nas costas, sobretudo na região da coluna, relacionam-se com sobrecarga sobre os músculos dorsais e coluna, que podem levar os indivíduos a um desvio ou complicação na coluna. Práticas como exercícios de fortalecimento destes músculos, alongamentos e relaxamentos são excelentes alternativas para prevenção de agravamentos desse segmento corporal.

⁹ O fenômeno feminização da velhice não se restringe a uma questão quantitativa, pois também se deu à mudanças do espaço social ocupados pelas mulheres (CAMARANO *et al.*, 2004).

Sabe-se, também, que no decorrer do processo de envelhecimento a estatura sofre uma diminuição, pois a coluna passa por modificações devido à compressão vertebral, ao estreitamento dos discos, ao aumento da curvatura cifótica da coluna torácica e à diminuição da lordose lombar (MATSUDO *et al.*, 2000). Além disso, há uma perda muscular, que se relaciona com os hábitos e o estilo de vida dos indivíduos. Assim, diz-se – considerando a média de idade (50,2 anos) dos avaliados – que estes podem estar sofrendo alterações físicas relacionadas ao processo de envelhecimento fisiológico esperado pela idade.

A segunda maior incidência de doença encontrada foi a hipertensão arterial sistêmica (HAS, pressão alta). Nesse aspecto, Costa *et al.* (2007, p.2 *apud* NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH, 1997) afirmam que ela é responsável *pelo desenvolvimento de doenças cardiovasculares (como cardiopatia isquêmica, acidente vascular encefálico e insuficiência cardíaca) e nefropatias crônicas*. Segundo dados do IBGE (2010), a HAS ainda é a principal causadora de mortes no Brasil, permanecendo na liderança desde 1999. As doenças relacionadas à HAS constituem, dessa forma, um dos mais graves problemas da saúde pública e, considerando que esta teve maior incidência no grupo avaliado, deve-se buscar ações que venham prevenir a incidência desta, agregando melhores hábitos e um estilo de vida mais saudável.

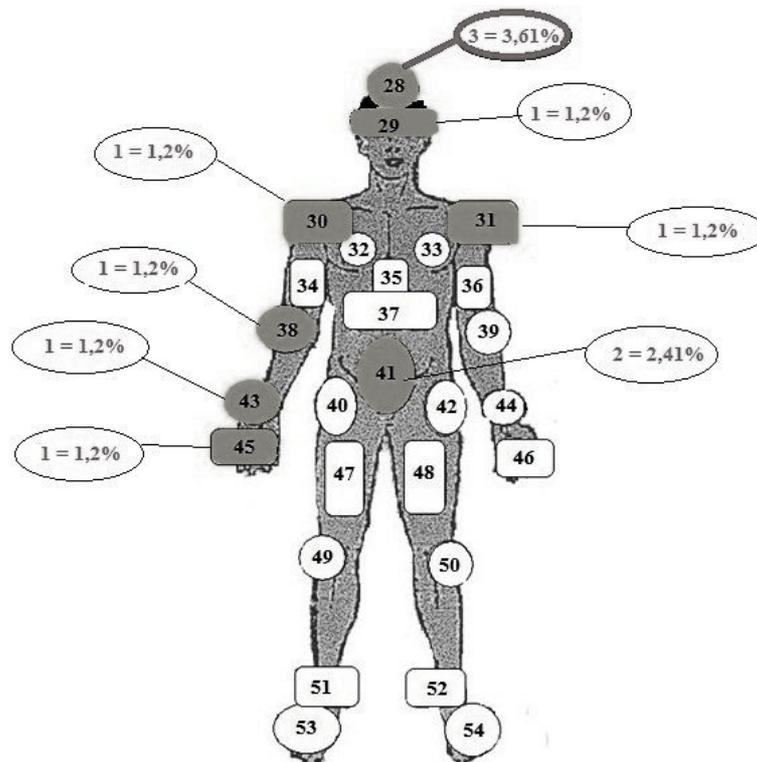
A décima e última questão abordou as doenças ou lesões que causam algum impedimento em relação ao trabalho atual. Um indivíduo (1,9% do grupo) respondeu “Algumas vezes: preciso diminuir meu ritmo de trabalho ou mudar meus métodos de trabalho”. Outros 22 indivíduos (42,3% do grupo) responderam “Eu sou capaz de fazer meu trabalho, mas ele me causa alguns sintomas” e 29 indivíduos (55,8% do grupo) responderam “Não há impedimento/ eu não tenho doenças”.

Percebeu-se que um grande percentual (1,9% + 42,3%), quase a metade dos indivíduos, considerou que suas doenças (o que eles avaliaram desde a ocorrência de dores até complicações diagnosticadas por médicos) causaram algum tipo de impedimento ao trabalho. Este dado revela que a instituição empregadora desses indivíduos deve estar atenta na prevenção e redução de índices de absenteísmo por questões de saúde.

6.2. Presença de dores nos segmentos corporais dos auxiliares de agropecuária

Dentre os 54 avaliados, 30 assinalaram sentir algum tipo de dor no corpo, equivalente a 55,6% do grupo. Ao todo, foram contabilizadas 83 ocorrências de dores, distribuídas entre 54 pontos dos segmentos corporais, conforme figura a seguir, considerando o indivíduo em posição dorsal e frontal. Destes 54 pontos, observou-se que 26 foram assinalados. A frequência das incidências e o percentual sobre o número total destas seguem conforme as figuras a seguir, apresentando-se, primeiro, dores assinaladas na posição frontal (Figura 1, marcados em cinza).

Figura 1 - Incidências de dores nos segmentos corporais considerando a posição Frontal dos auxiliares de agropecuária da UFV, 2010



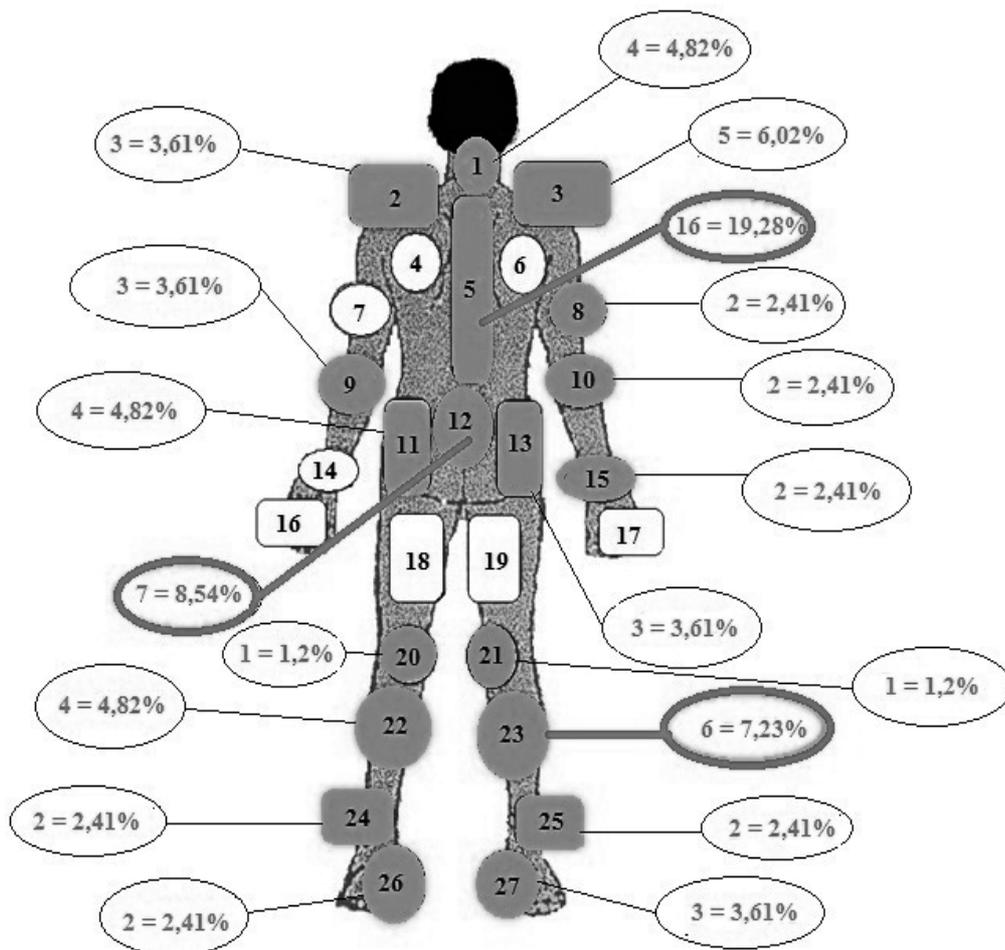
Fonte: Corlett e Mamenica (1980), adaptado.

As maiores incidências de dores verificadas na posição frontal deram-se, em primeiro lugar, na região da cabeça (sítio 28), com 3 incidências e, em seguida, na

região abdominal, contando com 2 incidências (sítio 41). As dores na cabeça podem estar ligadas à fadiga e ao cansaço diário, o que foi mencionado em algumas falas dos avaliados. Já a dor abdominal não foi comentada por eles, mas, por esta região contar com os músculos sustentadores da coluna, esta dor pode estar aliada à sobrecarga durante a execução de tarefas de maior exigência física, como as desempenhadas por estes trabalhadores que compuseram a amostra da presente pesquisa.

Segue, abaixo, a incidência de dores na região dorsal (Figura 2):

Figura 2 - Incidências de dores nos segmentos corporais considerando a posição Dorsal dos auxiliares de agropecuária da UFV, 2010



Fonte: Corlett e Mamenica (1980), adaptado.

A campeã de incidências foi a região da coluna (sítio 5), que contou com 16 marcações, 19,28% das 82 incidências. Em seguida, a maior frequência foi observada na região da lombar (sítio 12), com 7 marcações (8,54%). Ambas as regiões contemplam porções osteomusculares responsáveis por movimentos como flexão e extensão da coluna e sustentação da mesma. Este grande número de incidências, aliadas às incidências na região abdominal, podem indicar uma má execução de atividades que requerem estas porções corporais, ou uma sobrecarga sobre a coluna, que, em longo prazo, pode levar a danos irreversíveis.

A terceira maior incidência de dores foi verificada na região da panturrilha direita (músculo gastrocnêmio, sítio 25), com 6 incidências (7,23%), seguida por grande frequência assinalada na região do ombro direito (sítio 3), com 5 observações equivalentes a 6,02% do total. Estes dados nos permitem apontar que as tarefas tendem a sobrecarregar os segmentos do lado direito do corpo, o que é constantemente verificado na maioria da população destra. Além disso, observando todas as incidências sobre os membros superiores do corpo, percebe-se que houve uma maior concentração delas no lado direito.

A frequência de todas as dores encontradas pode sinalizar e contribuir na precaução de possíveis lesões e complicações. Algumas delas foram comprovadas pela questão 9 do questionário do ICT. Estas devem servir para alertar estes indivíduos para uma melhor execução da tarefa laboral e outras diárias, com mais eficiência e de uma forma mais adequada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os auxiliares de agropecuária demonstraram uma percepção positiva da capacidade para o trabalho, embora tenham apontado questões como doenças e incidência de dores. A tarefa realizada parece contribuir com a repetição de movimentos como flexão de tronco, causando dores na coluna; o que foi constatado no mapa de dores.

Para que a percepção de envelhecimento funcional precoce seja identificada, o envelhecimento deve ser entendido como sinônimo de perdas funcionais, bem como de deterioração da capacidade funcional e funcionalidade corporal. Na verdade, o envelhecimento trata de um fenômeno multidimensional, sendo então marcado por

outros fatores de características individuais, tais como a cultura, o estilo de vida, entre outros, o que pode significar que um indivíduo seja considerado idoso independente de ter sua capacidade funcional fragilizada ou não. Para tanto, o presente estudo revisou estas concepções e trata o envelhecimento funcional precoce na tentativa de entender este conceito e referendar – entre o grupo de trabalhadores cujas funções laborais demandam elevada capacidade física – que ainda não se tem comprovados marcadores específicos para determinar o envelhecimento funcional precoce, visto que as atividades diárias influenciam na percepção das perdas funcionais, bem como na qualidade de vida destes trabalhadores.

8. REFERÊNCIAS

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, 153p.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. **Envelhecimento Funcional e suas Implicações Para a Oferta da Força de Trabalho Brasileira**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1326.pdf>. Acesso em: 02 set. 2008.

CORLETT, E. N.; MANENICA, I. The effects and measurement of working postures. **Applied Ergonomics**, Trondheim, v.11, n.1, p.7-16, March 1980.

COSTA, J. S. D. et al. Prevalência de Hipertensão Arterial em Adultos e Fatores Associados: um Estudo de Base Populacional Urbana em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Arq Bras Cardiol**, v.88, n.1, p.59-65, 2007.

DURAN, E. C. M.; COCCO, M. I. M. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto. v.12, n.1, p.43-49, jan. 2004.

FARIA, N. M. X. et al. Processo de produção rural e saúde na serra gaúcha: um estudo descritivo. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 115-128, jan./mar. 2000.

FISCHER, M. F. et al. A (in)capacidade para o trabalho em trabalhadores de enfermagem. **Revista Brasileira Medicina do Trabalho**, Belo Horizonte. v.3, n.2, p.97-103, ago. 2005.

GIATTI, L.; BARRETO, S. M. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p.759-771, maio/jun. 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios**. Censo Demográfico, 1991 e 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>>. Acesso em: 27 jul. 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE divulga Indicadores Demográficos e de Saúde**. Censo Demográfico, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1445&id_pagina=1>. Acesso em: 18 out. 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agro 2006: IBGE revela retrato do Brasil agrário**. Censo Demográfico, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1464&id_pagina=1>. Acesso em: 29 out. 2009.

IIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2005, 614p.

JUVÊNCIO, J. F. **Abordagem ergonômica e aptidão física de trabalhadores do setor informal em Florianópolis: estudos multicase dos fabricantes de prancha de surfe**. 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MARTINS, C. O. **PPST - Programa de Promoção da Saúde do Trabalhador**. Jundiaí, SP. Ed. Fontoura, 2008. 224 p.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L. Impacto do envelhecimento nas variáveis antropométricas, neuromotoras e metabólicas da aptidão física. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília v.8, n.4, set. 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**, 2008.

NERI, M. C. Renda, consumo e aposentadoria: evidências, atitudes e percepções. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. p.91-107.

ODEBRECHT, C. **Adequação do trabalho ao trabalhador que envelhece: recursos auxiliares**. 2002. 219f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, Z. L. C. A provisão da família: redefinição ou manutenção de papéis? In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2007. 3030p.

PICANÇO, F. S. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C.

(Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2007. 3030p.

PORTO, M. A. **Gestão Pública e o Absenteísmo da Força de Trabalho: reflexões preliminares**, 2008. Paper publicado em: <<http://www.escoladegoverno.m.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

RAMOS, S.; LACOMBLEZ, M. Revisões Temáticas: Envelhecimento, Trabalho e cognição: 80 anos de investigação. **Revista Plur(e)al**. República de Venezuela, Maracay, v.1, n.1, p.52-60, 2005.

SILVA, I. R. Papéis Sociais e Envelhecimento em uma Perspectiva de Curso de Vida. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n.1, p.31-40, jan./abr. 2000.

TUOMI, K.; ILMARINEN, J.; JAHAKOLA, A.; KATAJARINNE, L.; TULKKI, A. **Índice de Capacidade para o Trabalho**. Helsinki: Instituto Finlandês de Saúde Ocupacional, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, UFV. **Síntese histórica da Universidade Federal de Viçosa – UFV**. Disponível em: <<http://www.ufv.br/>>. Acesso em: 09 nov. 2009.

VITTA, A. Envelhecimento, Capacidade para o Trabalho e Qualidade de Vida no Trabalho. In: DIOGO, M. J. D.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Orgs.). **Saúde e Qualidade de Vida na Velhice**. Campinas: Editora Alínea, 2006. p.40-55.

*Recebido em 07 de junho de 2011 Aceito em 27 de julho de 2011.